JOGOS PARALÍMPICOS RIO 2016: MEMÓRIAS ESPORTIVAS DE ATLETAS SUL-RIO-GRANDENSES

RIO 2016 PARALYMPIC GAMES: SPORTS MEMORIES OF ATHLETES OF RIO GRANDE DO SUL

Janice Zarpellon Mazo
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
Porto Alegre, RS, Brasil
janice.mazo@ufrgs.br

Tuany Defaveri Begossi
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
Porto Alegre, RS, Brasil
tuany_begossi@hotmail.com

Rafaela Bertoldi
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
Porto Alegre, RS, Brasil
rafaelapsicologia@hotmail.com

Alice Beatriz Assmann
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
Porto Alegre, RS, Brasil
alice.assmann@gmail.com

Resumo. A pesquisa tem por objetivo investigar como se sucedeu o percurso esportivo de atletas sul-rio-grandenses que participaram dos Jogos Paralímpicos de 2016, realizados no Rio de Janeiro. Tal investigação está sustentada em fontes orais, reportagens de jornais e revistas, informações oriundas das redes sociais, além de revisão bibliográfica sobre o assunto. Os resultados evidenciam que, a inserção na prática esportiva dos atletas paralímpicos sul-rio-grandenses aconteceu a partir da vida adulta. Os atletas foram apresentados ao esporte paralímpico através de seus pares e enfrentaram dificuldades para permanecer no esporte de alto rendimento, devido aos restritos incentivos financeiros. Conclui-se que, são necessárias novas políticas públicas de incentivo ao esporte de alto rendimento no estado do Rio Grande do Sul. Ainda, o aumento de incentivos financeiros, provavelmente, repercutirá na ampliação do número de atletas paralímpicos.

Palavras-chave: Jogos Paralímpicos; Atletas; História do Esporte; Memória Esportiva; Pessoa com Deficiência.

Abstract. The research aims to investigate how the sporting route of Rio Grande do Sul athletes who participated in the 2016 Paralympic Games, held in Rio de Janeiro. This research is supported by oral sources, newspaper reports and magazines, information from social networks, as well as bibliographical review on the subject. The results evidenced that the insertion in the sports practice of Rio Grande do Sul paralympic athletes happened from the adult life. The athletes were introduced to paralympic sport through their peers and faced difficulties in remaining in high-performance sport due to restricted sports incentives. We conclude that new public policies of incentive to the high-performance sport in the state of Rio Grande do Sul are necessary. Moreover, the increase in financial incentives will probably have an impact on the increase in the number of Paralympic athletes.

Keywords: Paralympic Games; Athletes; History of Sport; Sports Memory; Person with Disability.

INTRODUÇÃO

Os Jogos Paralímpicos do Rio 2016 foram realizados no período de sete a 18 de setembro na cidade do Rio de Janeiro, congregando atletas de vários países, além da numerosa delegação brasileira, composta por atletas de vários estados do país. O Rio Grande do Sul foi um dos estados da região Sul do Brasil com o menor número de atletas previstos para a composição da delegação paralímpica[1] brasileira. No entanto, estudos (BEGOSSI; MAZO, 2016a; CARMONA, 2015) mostram que o esporte para pessoas com deficiência no estado registra iniciativas desde a década de 1970, ou seja, há mais de 45 anos. Apesar disso, parece que o acesso à prática esportiva adaptada às pessoas com deficiência, ainda caminha a passos lentos, assim como as oportunidades voltadas ao esporte paralímpico de alto rendimento.

Além disso, pouco se conhece acerca dos cenários do esporte paralímpico sul-rio-grandense. No que diz respeito ao percurso dos atletas paralímpicos percebe-se que as narrativas, geralmente divulgam informações sobre suas deficiências e resultados nas competições esportivas. A difusão de tais informações é evidenciada, na maioria das ocorrências, quando se tem a edição dos Jogos Paralímpicos.

Diante do exposto, este estudo tem por objetivo investigar como se sucedeu o percurso esportivo de atletas sul-rio-grandenses que participaram dos Jogos Paralímpicos de 2016, realizados no Rio de Janeiro. Tal investigação está sustentada em fontes orais, reportagens de jornais e revistas, informações oriundas

[1] Nesse estudo adotamos o termo paralímpico ao invés de paraolímpico, pois é a nomenclatura adotada pelo Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB) (MELLO; OLIVEIRA FILHO, 2012).

das redes sociais (facebook, sites de entidades esportivas, etc.), além de revisão bibliográfica sobre o assunto. Por meio das fontes acessadas buscam-se respostas para o objetivo da pesquisa e, também, a produção de um estudo no âmbito da memória do esporte.

O termo "memória esportiva", em diferentes livros publicados, remete a estudos que priorizam o esporte olímpico[2]. A despeito de se considerar o ano de 2016 como um marco para o campo esportivo brasileiro, parece que houve uma preocupação maior com a divulgação e preservação da memória esportiva olímpica. Inclusive, o ano de 2016 é assinalado como o "Ano Olímpico", pois foi realizada mais uma edição dos Jogos Olímpicos (JO) de verão e pela primeira vez no Brasil.

Nesse cenário, não podemos esquecer que o ano de 2016 também poderia ser apontado como o "Ano Paralímpico", pois, afinal de contas, também foi realizada mais uma edição dos Jogos Paralímpicos de verão. Logo, a divulgação e preservação da memória paralímpica não é menos importante, mesmo que a visibilidade e o número de publicações acerca das suas memórias esportivas sejam reduzidas em relação à temática do esporte olímpico. Sobre a produção científica online em português relacionada às modalidades esportivas olímpicas e paralímpicas, Souza, Silva e Moreira (2016), revelaram em sua pesquisa, que dentre os 2.000 artigos que abordam as modalidades de verão, somente 52 se referem às paralímpicas. Ainda consta que a maioria dos artigos versa sobre o tema treinamento.

Nos últimos anos, o progressivo interesse nesse universo, incitou estudos que utilizam a metodologia histórias de vida dos atletas com deficiência[3]. No entanto, este é um domínio que se apresenta de forma incipiente, carecendo de mais pesquisas. É preciso progredir nessa direção, descortinar as histórias dos atletas paralímpicos brasileiros e resguardar a memória social do esporte paralímpico no Brasil.

Com o acelerado desenvolvimento do esporte paralímpico no país na última década (HAIACHI et al., 2016), corre-se o risco de documentos serem perdidos, além de imagens e, principalmente, depoimentos de pessoas que vivenciaram o processo de construção desse cenário. Torna-se necessário, portanto, constituir as memórias do esporte paralímpico brasileiro, pois essa, também é uma das formas de gerar um legado no campo esportivo, já que legado não se recebe, mas se constrói e faz parte do planejamento de um megaevento (DACOSTA et al., 2008; SCHMITT et al., 2017).

No caso deste estudo, buscamos apresentar subsídios para um legado intangível, que há muito tempo é edificado pelos distintos personagens que trilham os caminhos do esporte paralímpico no país. Para além disso, os Jogos Paralímpicos Rio 2016 foram um catalisador para o esporte paralímpico no país. Esse acontecimento colocou o paradesporto em evidência e gerou discussões sobre diversos temas relacionados ao esporte e, também, à pessoa com deficiência no Brasil. Em razão disso, o referido evento esportivo também produziu legados, mas, para tornarem-se, definitivamente, um legado, a memória dessa celebração deve se manter viva.

METODOLOGIA

Para efetivação deste estudo procedemos, inicialmente, com a revisão bibliográfica sobre o tema, realizando a busca pelo assunto "atletas sul-rio-grandenses nos Jogos Paralímpicos" em produções acadêmicas, tais como livros, artigos, monografias, dissertações e teses. Essa busca revelou a existência de trabalhos pontuais, a saber: Begossi (2015), Carmona (2015), Begossi e Mazo (2016a) e Carmona; Ledur e Mazo (2016). Em seguida, procedemos à coleta de demais fontes de pesquisa, como a gravação e transcrição de depoimentos orais de atletas sul-rio-grandenses, busca por reportagens em jornais, além da pesquisa em sites e redes sociais.

As fontes orais foram obtidas por meio da gravação de entrevistas com os atletas Alexsander Almeida Maciel Celente e Ricardo Steinmetz Alves (o Ricardinho)[4]. Posteriormente a gravação, cada depoimento oral foi produzido e processado contemplando os procedimentos metodológicos adotados por Alberti (2005)[5]. Para fins de análise, os depoimentos foram submetidos à técnica da análise de conteúdo, conforme descrita por Bardin (2000).

[2] Como exemplo cita-se Rubio (2006); DaCosta (2005); Mazo & Reppold (2005).
[3] Cita-se, por exemplo, os estudos de Smith e Sparkes (2005), Lehnhard, Manta e Palma (2012) e Soláns (2014).
[4] Alexsander Almeida Maciel Celente e Ricardo Steinmetz Alves são os únicos atletas medalhistas do estado do Rio Grande do Sul, nos Jogos Paralímpicos Rio 2016.
[5] Os entrevistados assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), conforme consta no projeto nº 27331 aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFRGS.

As fontes impressas, por sua vez, foram compostas pelas reportagens do jornal Zero Hora, as quais foram catalogadas desde 2015 (ano anterior à realização dos Jogos Paralímpicos), até o final de 2016, quando ocorreu o megaevento. Ressaltamos que no período inicial da coleta das reportagens, foi possível observamos a baixa ocorrência de notícias sobre o esporte paralímpico, no entanto, as publicações tornaram-se um pouco mais frequentes com a aproximação da data de realização do evento[6]. Entretanto, no que concerne às publicações que registraram informações, sobretudo, acerca dos atletas paralímpicos sul-rio-grandenses, o enfoque do Zero Hora foi relativamente baixo.

Desta forma, ao privilegiar assuntos gerais sobre o esporte paralímpico, pouca visibilidade foi concedida aos atletas sul-rio-grandenses. Ademais, quando evidenciado o assunto "atletas", o Jornal Zero Hora dedicou um espaço expressivo ao atleta Ricardinho, da modalidade de Futebol 5. Este fato, talvez possa ter ocorrido em razão de o referido atleta ter conquistado duas medalhas de ouro em Jogos Paralímpicos. Outro atleta sul-rio-grandense que teve cobertura jornalística significativa durante os anos de 2015 e 2016 foi Jovane Guissone, da esgrima em cadeira de rodas. Da mesma forma que Ricardinho, Jovane obteve resultados expressivos nos Jogos Paralímpicos de Londres, em 2012, onde conquistou a primeira medalha paralímpica brasileira na modalidade (CARMONA; LEDUR; MAZO, 2016). A também esgrimista cadeirante Mônica da Silva Santos foi personagem de uma reportagem no caderno especial (A GUERREIRA..., 2016, p. 12-13), a qual descreveu como a atleta ficou paraplégica, o seu envolvimento com a esgrima em cadeira de rodas, dentre outros aspectos da sua vida. Cabe aludir que fontes documentais, bem como publicações sobre as mulheres no cenário do esporte paralímpico, são ainda mais raras do que em relação aos homens[7].

A despeito das dificuldades de obtenção de fontes documentais sobre os atletas paralímpicos gaúchos, as informações oriundas das fontes de pesquisa serão cotejadas, tendo como base os pressupostos teóricos da História do Esporte. De tal modo busca-se suscitar uma interpretação plausível do fenômeno de estudo. Nos tópicos seguintes apresentamos os resultados da análise documental.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As fontes consultadas para a escrita deste estudo revelaram números distintos no que se refere ao total de atletas convocados pelo Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB) para comporem a delegação brasileira, nos Jogos Paralímpicos Rio 2016. Apesar dos dados divergentes, encontrando-se os seguintes números relativos a quantidade de atletas, 276, 286 e 289[8], ressaltamos que esta foi a maior delegação de atletas brasileiros em Jogos Paralímpicos da história do país. Os atletas, por sua vez, são oriundos de diferentes estados brasileiros, sendo o estado do Rio Grande do Sul o que forneceu o menor número de atletas[9].

Apesar de uma lista de 12 nomes[10] relacionados para os Jogos Paralímpicos do Rio 2016, conforme pesquisa realizada no Jornal Zero Hora, apenas oito atletas sul-rio-grandenses foram, de fato, ao evento. Não localizamos nas fontes consultadas explicações sobre essa situação. A seguir, apresentamos as memórias da vida esportiva desses atletas paralímpicos, a partir das informações obtidas pelas fontes orais e impressas.

---

[6] Um exemplo é a publicação da primeira edição do jornal O TEMPO, em 2015, em Porto Alegre/RS, tendo como produtora e redatora Terezinha Isabel Souto Rocha. Consta que este "jornal do Esporte" tem a seguinte finalidade: "jornal para o deficiente físico poder fazer a sua defesa e comunicar-se com o mundo do esporte, dizendo o que faz para sobreviver e praticar a sua modalidade de esporte preferida." (O TEMPO, 2015, p. 1) Na primeira edição, o tema abordado foi "Olimpíadas nos anos de 1972/1976/1977/1978". Embora, o título da reportagem refira Olimpíadas, o conteúdo do texto trata dos Jogos Paralímpicos.

[7] Sobre as mulheres atletas referimos o estudo de Soláns (2014) sobre histórias de vida de atletas paralímpicas, no qual operacionaliza a categoria gênero. Sobre as atletas paralímpicas no caso do estado do Rio Grande do Sul, cita-se o estudo de Begossi e Mazo (2016a).

[8] http://www.cpb.org.br/documents/20181/0/Convoca%C3%A7%C3%A3o/0cb6edd5-db5e-4a38-bdaa-8b167ada8d89

[9] Consta em uma das fontes acessadas, a seguinte quantidade de atletas: Rio Grande do Sul, 11 atletas; São Paulo, 75 atletas; Rio de Janeiro, 33 atletas; Paraná, 20 atletas. Observa-se que a previsão contemplava atletas de todas as regiões do país, mas que a maioria dos convocados pertencia à região sudeste (128 atletas), seguida pelo Nordeste (53 atletas); Sul (41 atletas); Centro-Oeste (39 atletas); Norte (17 atletas) (A 50 DIAS..., 2016).

[10] Alexsander Almeida Maciel Celente; Alex Douglas Pires da Silva; Fabio Luiz Damasceno; Gelson José da Silva Junior; Geraldo Von Rosenthal; Jovane Silva Guissone; Mônica da Silva Santos; Paulo Roberto Barcelos; Ricardo Steinmetz Alvez; Roberto Alcalde Rodriguez; Vanderson Luis da Silva Chaves; Susana Schnarndorf.

Alexsander Almeida Maciel Celente

Alex Celente[11], como anuncia seu uniforme esportivo, ou "Gaúcho", como é chamado por seus colegas de seleção brasileira, nasceu no dia 21/12/1980, na cidade de Porto Alegre/RS. Atleta praticante do goalball[12], o único esporte criado especificamente para a prática de pessoas com deficiência visual, Alex Celente iniciou sua trajetória na modalidade ainda na escola que frequentou durante anos, o Instituto Santa Luzia[13], em Porto Alegre/RS (CARMONA, 2015). Segundo o atleta, foi durante as aulas de educação física da instituição que conheceu o goalball e que teve contato com suas primeiras competições, já que o instituto organizava torneios internos (CELENTE, 2015).

Para além do Instituto Santa Luzia, Alex Celente frequentou a Escola Cônego Paulo de Nadal, localizada em Porto Alegre, onde concluiu o ensino fundamental. A sua formação prosseguiu no ensino médio e no ensino técnico no Colégio Estadual Protásio Alves, também na capital. Neste período, em 1995, as aulas de educação física para os alunos com deficiência, eram oferecidas duas vezes por semana, em turno inverso das demais disciplinas, mas não nas dependências da instituição "porque não havia estrutura e, por isso, o professor não tinha como passar as coisas para nós" (CELENTE, 2015, p.5). As aulas ocorriam no Centro Estadual de Treinamento Esportivo (CETE), sendo ministradas pela professora de educação física Lia Teresinha Hoffmann. Alex recordou-se que: "Ela passava atletismo, corrida, passava várias atividades, várias mesmo. Dentre elas, o goalball. Foi ali que eu comecei a me destacar, porque eu gostava. Nas aulas eu já sabia jogar e ela viu que eu tinha um potencial grande" (CELENTE, 2015, p. 5).

O atleta revelou que a professora Lia Hoffmann teve um papel destacado na sua formação esportiva: "comecei a fazer aula com ela e ela me colocou em uma equipe, na qual era treinadora e eu fui jogar [goalball] com os mais velhos. [...] já tive experiência de campeonato em 1995. Joguei com ela até 1999, fui campeão duas vezes" (CELENTE, 2016, p. 5). Durante o período em que treinou goalball com a professora, Alex Celente representou diversas instituições. No ano de 1995, vinculou-se a Associação do Centro Esportivo Louis Braille, a qual era ligada ao Centro Louis Braille, escola estadual, situada em Porto Alegre e destinada ao ensino dos deficientes visuais. No ano seguinte, em 1996, quando foi organizada a Associação de Amigos dos CETE (ACETE), ele passou a representar esta entidade. Durante este período, sua equipe conquistou duas vezes o campeonato brasileiro da modalidade, nos anos de 1997 e 1998 (CARMONA, 2015). Alex Celente lembra em entrevista, que "as viagens eram feitas de micro-ônibus e normalmente ficavam alojados em escolas durante as competições. As condições nem sempre eram as melhores" (CELENTE, 2015, p. 6).

No ano de 1999, parte da equipe da ACETE se desmembrou e formou uma parceria com o Grêmio Foot-ball Porto Alegrense, constituindo uma nova equipe de goalball. Carlos Aurélio Machado Gomes, na época um entusiasta da modalidade e hoje professor de educação física, assumiu como técnico. No que diz respeito à parceria com o Grêmio, Alex Celente lembra que apenas foi cedido o espaço físico para os treinamentos: o "pessoal do Grêmio aceitou e eles até se filiaram na confederação, mas não houve um interesse maior" (CELENTE, 2015, p. 10). Enfatizou que "ninguém nunca foi ver um treino e goalball e não disponibilizavam professor". Além disso, quando viajaram para o campeonato brasileiro de 1999, o clube também não contribuiu, mas mesmo sem apoio, participaram da competição nacional e sagraram-se campeões. Depois de um ano no clube, "acabamos saindo", disse Alex Celente (2015, p. 10).

Em 2000, a equipe firmou uma parceria com o Instituto Santa Luzia e manteve até 2002. Nessa temporada, em 2001, Alex Celente foi convocado pela primeira vez para integrar a seleção brasileira de goalball. Todavia, ele pediu dispensa. Ele explicou em entrevista o porquê de não ter participado: "recém tinha sido nomeado na prefeitura de Alvorada, eu não quis participar. Não tinha conhecimento da lei que me amparava e que me dava dispensa, então eu não pedi dispensa do trabalho". De certa forma lamenta

[11] Alex relatou em entrevista que nasceu cego do olho direito em razão de complicações ocorridas durante o período de gestação. Aos quatro anos, ficou cego também do olho esquerdo durante uma brincadeira que utilizava dardos (CELENTE, 2015).

[12] O *goalball* foi criado após a II Guerra Mundial (1939-1945), na Alemanha para a prática de lesados pela guerra que se tornaram deficientes visuais. O esporte estreou nos Jogos Paralímpicos na edição de 1972, em Heidelberg (Alemanha), como modalidade de exibição e, posteriormente, integrou o programa oficial do evento (MORATO; ALMEIDA, 2012). No Brasil, a prática data do final da década de 1980.

[13] Idealizado por Dona Lydia Moschetti, em Porto Alegre no ano de 1941, o Instituto Santa Luzia tornou-se referência na educação de pessoas com deficiência visual no Rio Grande do Sul atendendo, especialmente, aquelas advindas do interior do estado.

quando menciona o fato: "não fui para a seleção naquele ano e o pessoal foi para os Estados Unidos e eu já tinha sido convocado e não fui" (CELENTE, 2015).

Em 2002, novamente foi convocado para integrar a seleção brasileira de goalball. Desta vez, "eu já tinha conhecimento, já estava trabalhando há mais tempo, fui. Daí, eu não sai mais da seleção, graças a Deus. Até hoje eu estou conseguindo me manter entre os seis que sempre são convocados no início do ano" (CELENTE, 2015, p.12). No mesmo ano, Alex teve a oportunidade representar o país no VII Campeonato Mundial de Goalball, que ocorreu na cidade do Rio de Janeiro.

Quando retornou da seleção Brasileira, neste mesmo ano (2002) encerrou a parceria da equipe com o Instituto Santa Luzia e após dois anos, a equipe na qual Alex Celente jogava se transferiu para a Associação dos Cegos do estado do Rio Grande do Sul (ACERGS) (CARMONA, 2015). Ele lembra as conquistas em campeonatos brasileiros de goalball representando o estado, na época: "fomos campeões em 2004; vice-campeões em 2006, terceiro em 2007. [...] Em 2008 também fomos vice-campeões, em 2009 vice-campeões" (CELENTE, 2015, p.11). Além destas conquistas, cabe destacar que no ano de 2008 participou dos Jogos Paralímpicos, na edição de Pequim, China, representando a seleção brasileira de goalball.

Mesmo depois de sua participação nos Jogos Paralímpios, Alex Celente continuou representando a equipe da ACERGS até 2010, totalizando sete anos de atuação. Depois passou a competir por equipes de fora do estado do Rio Grande do Sul. Em 2011 participou dos Jogos Parapan-Americanos, realizados em Guadalajara, México, conquistando o primeiro lugar. E, novamente, integrou a seleção brasileira que foi aos Jogos Paralímpicos de 2012, em Londres, Inglaterra, onde se sagraram vice-campeões. No Campeonato Mundial de Goalball, na Finlândia, em 2014, foram campeões. E nos Jogos Parapan-Americanos de 2015, em Toronto, Canadá, também conquistaram a medalha de ouro para o Brasil.

Até o momento, Alex Celente é o atleta brasileiro que há mais tempo representou a seleção brasileira (GASPARETTO, 2016a). Aos 35 anos de idade, integrou a equipe de goalball que conquistou medalha de bronze nos Jogos Paralímpicos Rio 2016. Em razão da trajetória de conquistas de Alex e da seleção brasileira de goalball, havia a expectativa de que a equipe conquistasse o lugar mais alto do pódio, no Rio de Janeiro. No entanto, mesmo a equipe tendo conquistado a terceira posição, Alex celebra: "o terceiro lugar foi comemorado. É um bronze com gosto de ouro. Na semifinal (contra os EUA), não jogamos bem ofensivamente, mas por tudo o que a gente fez, não podíamos ficar de fora do pódio. Volto realizado" (ALEX FESTEJA..., 2016, p. 41). Atualmente Alex Celente representa a Associação dos Cegos do Rio Grande do Sul (ACERGS), situada na cidade de Porto Alegre/RS.

Fabio Luiz Damasceno

Nasceu no dia sete de janeiro de 1983, na cidade de Governador Valadares/MG. Após passar a infância em São Paulo, mudou-se para Esteio, no Rio Grande do Sul juntamente com sua família. Aos 19 anos viu sua vida transformar-se ao se envolver em uma briga onde foi baleado e sofreu lesão medular (paraplegia). Conforme destaca reportagem veiculada pelo jornal Zero Hora, o projétil se alojou na medula e, imediatamente, Fabio perdeu o movimento das pernas (GASPARETTO, 2016b, s/p).

Após ficar quase dois anos recluso em casa, conheceu a esgrima em cadeira de rodas no ano de 2006. A responsável por apresentar a modalidade a Fabio foi Rosa Bonato, incentivadora de um grupo de pessoas com deficiência, que abordou o atleta em uma rua da cidade de Esteio/RS. Aos poucos, Fabio se integrou as atividades desenvolvidas pelo grupo até que, em um dos encontros, assistiu a uma apresentação sobre a esgrima em cadeira de rodas, mais especificamente, sobre a espada, sabre e florete. A partir de então, passou a frequentar aulas, aprimorar-se e a competir (GASPARETTO, 2016b, s/p).

No início, entretanto, Fabio precisou persistir a algumas dificuldades que o caminho (literalmente) impôs, para prosseguir na esgrima. Os treinos eram realizados em Porto Alegre/RS e a distância foi um fator complicador, já que a acessibilidade e, principalmente, as condições do transporte público para cadeirantes não eram favoráveis no início dos anos 2000. Comentou que havia apenas um ônibus adaptado em Esteio que fazia o transporte até Porto Alegre e que, caso o perdesse, teria que esperar horas para vir novamente. Felizmente, reconhece que estes aspectos têm melhorado nos últimos tempos (GASPARETTO, 2016b).

Não obstante, atualmente, Fabio desloca-se por meio de dois ônibus e mais o metrô para chegar a Porto Alegre. Este trajeto demora, em média, duas horas o que totaliza um deslocamento de quatro horas diárias, entre ida e volta. Além disso, o atleta nunca pôde contar com o auxílio de patrocínios e o valor que recebe do programa Bolsa-Atleta (R$ 925,00/por mês) é insuficiente para cobrir os gastos que tem

com a preparação para as competições. Para além deste valor, Fabio conta com um salário mínimo que recebe de sua aposentadoria por invalidez para auxiliar nos gastos mensais com a família.

Embora existam as dificuldades, foram as conquistas que obteve na modalidade que o incentivaram a prosseguir neste caminho. Fabio iniciou seus treinos na sede da Associação de Servidores da Área de Segurança Portadores de Deficiência (ASASEPODE) no ano de 2006 e, no ano de 2007 já conquistou medalha, no primeiro campeonato nacional que disputou. Dois anos depois, sagrou-se campeão da Copa do Brasil e do Brasileiro, conquistas que se repetiram no ano de 2010 e o incentivaram a treinar ainda mais. Em 2011, conquistou novamente a Copa do Brasil e em 2013 ficou com o bronze no Campeonato Brasileiro, na Espada A. No ano de 2015, foi campeão da Copa do Brasil no Florete A, em Belo Horizonte/MG e, no ano Paralímpico (2016), conquistou o bronze na Copa Brasil na Espada A e Florete A, ambas as competições realizadas em São Paulo/SP (TIME GRU..., 2016). Sua dedicação rendeu outros resultados expressivos e no ano de 2014 chegou ao topo do ranking nacional (GASPARETTO, 2016b).

O ano de 2015 representou um momento especial para sua carreira de esgrimista ao ser convocado para ingressar na seleção brasileira e disputar campeonatos a nível internacional. O primeiro deles foi o Regional das Américas, realizado no Canadá, na categoria A (cadeirantes com maior mobilidade), nas armas Florete e Espada, onde se sagrou campeão. No ano de 2016, conquistou o bicampeonato dessa competição e garantiu a vaga paralímpica. Em entrevista para o Jornal Zero Hora, Fabio relata:

> Foi uma loucura. Me classifiquei na espada, que não era a minha principal arma, e agora é. Foi emocionante. Na hora, vem várias coisas na cabeça, você pensa na família, nas dificuldades que teve. Todo atleta sonha com uma Paralimpíada (GASPARETTO, 2016b, p.s/p).

Fabio Damasceno estreou em Jogos Paralímpicos no Rio 2016 competindo na esgrima em cadeira de rodas, na modalidade espada, categoria A. Disputou cinco combates, mas não venceu em nenhum. Atualmente representa a ASASEPOD e o Grêmio Náutico União, ambos de Porto Alegre (MAIS GAÚCHOS..., 2016, p. 41).

Geraldo Von Rosenthal

Geraldo Rosenthal nasceu no ano de 1975, na cidade de Campo Bom/RS, no Vale dos Sinos. Logo após o nascimento foi diagnosticado com síndrome de Poland e, por isso, não tem musculatura peitoral no lado direito, o que também prejudica a mão, que tem microdactilia (dedos menores que o normal) e sindoctilia (dedos unidos). A prática do tiro surgiu em sua vida por influência do pai, que gostava de caçar. Assim, já na adolescência, Geraldo praticava tiro ao alvo com armas de pressão (GASPARETTO, 2016b, p.s/p).

Aos 16 anos, Geraldo começou a treinar tiro prático com pistolas 45m e, dois anos depois, tirou o porte de armas pela primeira vez. Apesar de seu gosto pelo tiro, aos 23 anos de idade decidiu cursar Engenharia Mecânica e, consequentemente, deixou o contato com as armas em segundo plano. Em entrevista ao Jornal Zero Hora, Geraldo contou que não concluiu a graduação e que, para se sustentar "teve uma revenda de carros, vendeu calçados no Ceará, administrou uma oficina mecânica, trabalhou com montagem de computadores, além de ter trabalhado em uma multinacional, no setor de infraestrutura" (GASPARETTO, 2016b, s/p).

O tiro passou a fazer parte de sua vida novamente em 2007, quando em uma busca pela internet localizou uma pistola de ar olímpica. O vendedor da referida arma era Carlos Garletti, atirador que participou de sua terceira Paralimpíada no Rio 2016. Durante a conversa, Garletti comentou sobre a possibilidade de Geraldo preparar-se para competições e participar também de Jogos Paralímpicos. Desde então, este passou a ser o seu objetivo.

Já em 2008, Geraldo competiu e estabeleceu dois recordes brasileiros. Uma lesão dos tendões (edicondilite), entretanto, o afastou por um ano e meio do tiro. No ano de 2011 retornou ao tiro e mostrou resultados significativos, o que o levou a ser convocado para a sua primeira disputa internacional, ocorrida na Espanha. Dois anos depois, conquistou seu primeiro título mundial e também o primeiro título de um brasileiro no tiro, ao sagrar-se campeão da Copa do Mundo, disputada na Tailândia (GASPARETTO, 2016b).

A partir de 2014 focou-se nos treinamentos para os Jogos Paralímpicos do Rio de Janeiro. Em 2015, participou da Copa do Mundo de Tiro Esportivo, realizada em Sydney, na Austrália. Na ocasião, conquistou a medalha de prata por equipe na pistola de ar, a medalha de bronze por equipe na pistola

Sport, e a medalha de bronze por equipe na pistola livre (DUAS PERGUNTAS, 2016, p. 2). A conquista mais comemorada, entretanto, foi a vaga para os Jogos Paralímpicos do Rio 2016.

Geraldo representou o Brasil nos Jogos Rio 2016 aos 41 anos de idade, nas provas de tiro esportivo em três categorias: pistola de ar 10m, pistola 25m e pistola 50m (GAÚCHO FICA..., 2016; GASPARETTO, 2016b). Foi sua primeira participação em Jogos Paralímpicos e ocupou a 15ª colocação na classificação final. No período, no ranking mundial ocupava o 12º lugar.

Conforme o Jornal Zero Hora "ele [Geraldo] era um dos favoritos na competição de tiro", mas nos Jogos Paralímpicos do Rio "fez sua pior prova dos últimos anos na pistola livre de 50 metros" (GAÚCHO FICA..., 2016, p.44). O atleta, por sua vez, explicou os motivos de sua frustração com relação ao desempenho na competição:

> Senti a pressão de estar em casa. Muitas fotos, muita gente batendo nas costas. Tremi, literalmente. Além do mais, a indefinição sobre o apoio financeiro daqui pra frente também atrapalhou. Ninguém sabe quais serão os critérios. E agora? Se eu conseguir apoio, continuo. Recebi uma sondagem da Alemanha e outra do Paraná. Ainda estou tentando me recuperar da frustração (GAÚCHO FICA..., 2016, p. 44).

Atualmente, Geraldo está sem emprego e sustenta-se com o auxílio recebido do programa Bolsa-Pódio, concedido pelo Governo Federal. Em entrevista ao Jornal Zero Hora, afirmou que este valor é utilizado, quase que em sua totalidade, para custear as despesas com psicóloga e treinos. O atleta, no período que antecedeu os Jogos Paralímpicos, treinava todos os dias pela manhã em um simulador, além dos treinos de tiro real (GASPARETTO, 2016b). Na competição mundial, representou a ASASEPODE e o Grêmio Náutico União, ambas as entidades de Porto Alegre/RS.

Jovane Silva Guissone

Jovane Guissone nasceu no dia 11 de março de 1983, na cidade de Barros Cassal/RS, região nordeste do estado. Auxiliou os pais no cultivo de fumo na zona rural de sua cidade natal até os 18 anos, quando então foi convocado para servir o Exército e mudou-se para Santa Maria/RS. Seu objetivo era seguir na carreira militar, no entanto, todos os recrutas foram dispensados e Jovane decidiu retornar a Barros Cassal (CARMONA; LEDUR; MAZO, 2016).

Em entrevista ao Jornal Zero Hora, Jovane comentou que a vida na agricultura era difícil, principalmente, por não haver um salário todo mês. Ele queria ter um emprego com carteira assinada (GASPARETTO, 2016b). Em razão disso, aos 21 anos de idade mudou-se para a cidade de Canoas, onde trabalhou como açougueiro e também segurança.

A mudança na sua vida aconteceu em novembro de 2004, quando o carro onde estavam ele e um amigo, foi abordado na BR-116, por dois bandidos em uma motocicleta. Jovane levou um tiro que o deixou 20 dias em coma e dois meses internado em uma Unidade de Terapia Intensiva (UTI). A bala perfurou o seu pulmão, baço, duas costelas e se alojou na coluna, fato este que revelou um alto risco de tetraplegia. Após passar por uma delicada cirurgia, Jovane voltou a Esteio/RS e iniciou seu tratamento com sessões de fisioterapia (GASPARETTO, 2016b).

Após, quase dois anos de tratamento para melhorar sua qualidade de vida, Jovane revelou à equipe do Observatório do Esporte Paralímpico[14], que no ano de 2006, foi apresentado ao basquetebol em cadeira de rodas. A modalidade seria uma aliada no seu tratamento, especialmente, na melhoria de seu condicionamento físico. Ao mesmo tempo em que se envolvia com a prática do basquete, Jovane conheceu, no ano de 2008, o atleta Fabio Luiz Damesceno, que o apresentou a esgrima em cadeira de rodas. Foi através do amigo e hoje colega de seleção brasileira, que Jovane conheceu a esgrima e, iniciou sua trajetória da modalidade (OBSERVATÓRIO DO ESPORTE PARALÍMPICO, 2017).

No mês de março de 2008, Jovane participou de seu primeiro estágio, realizado na cidade de Curitiba/PR, na Universidade Positivo. Na ocasião teve contato com um técnico francês e teve a oportunidade de ficar um mês treinando na França, onde pode aprender e aperfeiçoar sua técnica (GASPARETTO, 2016b). No ano seguinte (2009), Jovane, juntamente a Fabio e outros quatro atletas, foi convocado para compor a seleção brasileira de esgrima em cadeira de rodas, que passaria a representar o Brasil em competições internacionais.

[14] Para consultar demais materiais produzidos pelo Observatório do Esporte Paralímpico acessar o seguinte endereço eletrônico: https://www.ufrgs.br/nehmeparalimpico/

Jovane conquistou a primeira medalha da esgrima em cadeira de rodas brasileira no ano de 2011, no Canadá. A medalha de bronze foi obtida em uma etapa da Copa do Mundo e tornou Jovane o primeiro medalhista brasileiro da modalidade (CARMONA, LEDUR, MAZO, 2016). A vaga para os Jogos Paralímpicos de Londres, em 2012, foi conquistada na última etapa da Copa do Mundo da *International Wheelchair and Amputee Sports Federation* (IWAS), de esgrima em cadeira de rodas, realizada na Alemanha. Nesta competição conquistou a medalha de prata, garantindo vaga para participar dos Jogos Paralímpicos (TIME GRU..., 2016).

Nos Jogos Paralímpicos de Londres em 2012, Jovane conquistou a medalha de ouro na decisão da modalidade espada, da categoria B, vencendo o chinês Chik Sum Tam com placar de 15x14. Na ocasião, o atleta voltou a fazer história ao se tornar o primeiro medalhista paralímpico da esgrima em cadeira de rodas brasileira (MENDES, 2012). Segundo reportagem veiculada pelo Jornal Zero Hora, esta conquista mudou a vida do atleta.

Antes de Londres, Jovane treinava na sede da ASASEPODE, em Porto Alegre/RS e por residir em Esteio, para deslocar-se até o local de treinamento, necessitava usar três ônibus e o metrô. Após a conquista da medalha de ouro, recebeu mais apoio da Caixa Econômica Federal e passou a ser patrocinado pela Nissan, que lhe ofereceu um carro. Além disso, pode contar também com o auxílio do programa Bolsa-Pódio (entre R$ 5mil e R$ 15 mil), que é concedida a atletas medalhistas, com um valor superior ao auxílio repassado pelo programa Bolsa-Atleta (R$ 925,00) (GASPARETTO, 2016b).

Posteriormente a Londres, Jovane manteve seus treinos e obteve bons resultados em outras competições. No ano de 2015, foi medalha de ouro na espada e florete, no Regional das Américas, realizado em Montreal. Na mesma localidade, conquistou o ouro na espada e no florete e o bronze por equipe na espada, no Grand Prix. Na Copa Brasil, também realizada em 2015, foi campeão na espada, no florete e por equipe em Curitiba/PR, e campeão na espada A e B, no florete B, espada por equipe e prata no florete A, em Belo Horizonte/MG (21 ATLETAS..., 2016).

Nos Jogos Paralímpicos Rio 2016, aos 33 anos de idade, Jovane estava entre os favoritos para a conquista do ouro (21 ATLETAS..., 2016). Todavia, não conquistou medalhas, mas afirmou estar "muito feliz com o resultado obtido. Lutei para chegar até as quartas (na primeira fase, ganhou três combates e perdeu um), fiz o meu melhor, mas o ucraniano foi superior. Estou tranquilo, de cabeça erguida" (GASPARETTO, 2016c, p. 41). Jovane perdeu o combate para o ucraniano Oleg Naumenko, por 15 a 12 e ficou sem chances de medalha na categoria B da espada, a mesma em que foi ouro nos Jogos Paralímpicos de Londres, em 2012. Atualmente o atleta representa a ASASEPODE e o Grêmio Náutico União, ambos de Porto Alegre/RS.

Mônica da Silva Santos

Mônica da Silva Santos nasceu no dia 22 de março de 1983, na cidade de Morro Grande/SC (TIME GRU..., 2016). Criada na zona rural de Santo Antônio da Patrulha/RS viu sua vida mudar no ano de 2002, aos 20 anos de idade, quando estava grávida. Diagnosticada com um hemangioma muscular, uma doença rara que poderia deixá-la sem o movimento das pernas e que se manifestou durante a gravidez, Mônica tomou a decisão mais importante de sua vida. Para realizar a cirurgia que daria chances de voltar a andar era preciso interromper a gravidez (GASPARETTO, 2016b).

Ela optou por manter a gestação da filha Paola e abriu mão de fazer a cirurgia que, naquele momento, poderia fazê-la voltar a andar. Mônica encontrou na maternidade a força para superar a adaptação à cadeira de rodas (TIME GRU..., 2016). Mônica foi apresentada a esgrima em cadeira de rodas, pelo amigo Jovane Guissone.

Com 20 dias de treino, Mônica conquistou sua primeira medalha, de bronze. Tornou-se especialista no florete, a mais tática das três armas da esgrima, em que os competidores pontuam somente ao atingir o dorso do adversário (A GUERREIRA..., 2016). Desde 2012 é campeã brasileira do florete e titular da seleção brasileira. Além disso, é a única mulher do Brasil a conquistar medalha de ouro na esgrima, no Regional das Américas (GASPARETTO, 2016b).

A atleta coleciona conquistas na esgrima desde que iniciou na modalidade. No ano de 2012, foi campeã brasileira no Florete A. Em 2013 foi campeã da I e II Copa Brasil, no Florete A. No ano de 2014, foi campeã da II Copa Brasil, realizada no estado do Paraná, no Florete A, campeã brasileira no Florete A, Espada A e por Equipes, em Porto Alegre/RS. Em 2015, conquistou a medalha de ouro no Florete A e por Equipes em São Paulo/SP, foi campeã do Regional das Américas, realizado no Canadá, também no Florete A e foi campeã da Copa Brasil, Espada A e B e Florete B, em Belo Horizonte/MG. Em 2016, nos meses que antecederam os Jogos Paralímpicos Rio 2016, conquistou o ouro, novamente, no Regional das

Américas no Florete A, realizado em São Paulo/SP e foi campeã da Copa Brasil, no Florete A, Espada A e Espada por Equipe, também em São Paulo/SP (TIME GRU..., 2016).

Para Eduardo Nunes, treinador de Mônica na ASASEPODE, os resultados da atleta são ainda mais expressivos do que parecem. A atleta disputa competições internacionais na categoria A, composta por esgrimistas sem lesões na coluna (em geral, amputados), o que influencia, por exemplo, em questões relacionadas à impulsão na cadeira. Mônica, por sua vez, tem limitações físicas suficientes para disputar na categoria B e, compete, portanto, em desvantagem, já que enfrenta rivais com deficiências menores, além de ser a única cadeirante da categoria (GASPARETTO, 2016b). Isso se deu, especialmente, por não haver no Brasil muitas competições para mulheres e, em razão disso, Mônica foi "nivelada por cima" (A GUERREIRA..., 2016).

Para além do ginásio de treino e das competições, Mônica impressiona também por sua persistência fora destes espaços. A atleta precisa deslocar-se da cidade de Santo Antônio da Patrulha/RS a Porto Alegre/RS, de segunda a sexta-feira. Ela percorre, aproximadamente, 240 quilômetros todos os dias da semana, gastando em combustível, por mês, cerca de dois mil reais. Como esgrimista, pode contar com a remuneração advinda do programa Bolsa-Atleta, do Governo Federal e também com o patrocínio da Concepa/Triunfo (GASPARETTO, 2016b). O Grêmio Náutico União, clube onde também realiza seus treinamentos, a auxilia apenas com a infraestrutura, ou seja, local e equipamentos para o treinamento (A GUERREIRA..., 2016).

A tão sonhada vaga para os Jogos Paralímpicos Rio 2016 veio com a conquista do ouro na prova de Florete A, no Regional das Américas, realizado no dia 26 de maio de 2016, em São Paulo/SP. Foi a primeira vez que o Brasil classificou atletas para os Jogos Paralímpicos, na categoria A (RIO 2016..., 2016). Após a participação na competição, Mônica que disputou cinco combates e não obteve vitórias, afirmou: "Digo que sou bem mais feliz agora cadeirante do que antes, quando andava. Tenho meus princípios e sei que o que vale a pena não é apenas uma medalha, mas o caráter e a lembrança" (ABILIO, 2016, s/p.). Atualmente, a atleta representa a ASASEPODE e o Grêmio Náutico União, ambos de Porto Alegre/RS.

Ricardo Steinmetz Alves

Conhecido como Ricardinho, nasceu no dia 15 de dezembro em 1989, na cidade de Osório/RS. É atleta do futebol de 5, destinado à prática de deficientes visuais[15]. Até os seis anos de idade, Ricardinho enxergava normalmente. Aos oito anos descobriu que a dificuldade de enxergar se tratava de um deslocamento de retina ocorrido nos dois olhos o que, na maioria dos casos, é provocado por um trauma. No caso do atleta, no entanto, foi ocorrendo aos poucos, um caso raro (GASPARETTO, 2016b).

Após receberem o diagnóstico e saberem que o filho não voltaria a enxergar, o pai, o senhor Célio Luiz, resolveu mudar-se com a família para a capital do estado, Porto Alegre/RS, especialmente, para que Ricardinho recebesse um ensino adequado no Instituto Santa Luzia, instituição de referência para pessoas com deficiência visual. Foi na escola que teve o primeiro contato com o esporte, durante as aulas de educação física. Em entrevista o atleta destacou que antes mesmo de perder a visão, já vislumbrava ser um jogador de futebol (ALVES, 2015).

Em seu depoimento, ainda revelou que desconhecia a existência do futebol de cinco, mas que foi através do incentivo que teve no colégio Santa Luzia, especialmente, por parte do professor Adolfo Camerini Teixeira de Oliveira, também conhecido como professor Dodô, que sonhou novamente com as quadras e com o futebol. Em seu depoimento, rememorou a fala do professor em uma de suas primeiras aulas:

> Chegou o dia em que veio o futebol, eu fiquei bem surpreso, perguntava sobre o esporte e ele me disse: "tem clubes no Brasil, existe a seleção brasileira, várias seleções pelo mundo a fora. E se tu gostas, podes tentar ser um jogador de futebol" (ALVES, 2015, p. 4).

Aos 13 anos de idade Ricardinho foi convidado para ingressar na equipe da Associação de Cegos do Rio Grande do Sul (ACERGS). No entanto, seu pai foi cauteloso e não permitiu a sua admissão, visto que se tratava de uma equipe adulta. Em razão disso, até os 15 anos de idade, o atleta permaneceu apenas

[15] Esse esporte é muito semelhante ao futsal, com as mesmas dimensões da quadra, tamanho de goleiras e número de jogadores. Todos os atletas, exceto o goleiro que é um vidente, são cegos ou possuem um pequeno resíduo visual (DE SOUZA, 2014).

praticando o futebol na escola, quando então passou a frequentar, em definitivo, os treinos e a jogar com a equipe da ACERGS.

Ricardinho teve uma rápida ascensão no esporte e aos 16 anos de idade, já era titular e artilheiro da equipe da ACERGS que conquistou o campeonato regional. Logo após, veio a conquista também do campeonato brasileiro e, posteriormente, a convocação para a seleção. Em entrevista ao Jornal Zero Hora, o atleta comentou que, quando recebeu a ligação sobre a sua convocação, imaginou que havia sido para a seleção sub 17 ou sub 20, mas, para a sua surpresa, foi convocado para compor a seleção principal, aos 16 anos de idade (GASPARETTO, 2016b).

Com 17 anos disputou, pela primeira vez, uma competição oficial com a seleção brasileira, a Copa América, realizada em São Paulo/SP. Já na estreia fez seis gols e ajudou o Brasil a vencer a Bolívia por 13x0. No mesmo ano (2006), disputou também o Campeonato Mundial, realizado em Buenos Aires. Infelizmente, a equipe brasileira foi derrotada pela da Argentina e ficou com o segundo lugar. No entanto, a surpresa maior foi anunciada ao final das premiações da referida competição. Ricardinho, aos 17 anos de idade, havia sido escolhido o melhor jogador do mundo (BAIBICH, 2014).

O desempenho do atleta auxiliou a seleção brasileira na conquista de outros campeonatos internacionais. No ano de 2008, Ricardinho foi campeão dos Jogos Paralímpicos realizados em Pequim. Em 2010, conquistou juntamente com a equipe a medalha de ouro no campeonato mundial da modalidade, realizado na Inglaterra. Nos Jogos Paralímpicos de Londres, em 2012, repetiu o feito de 2008 e tornou-se bicampeão paralímpico (FREIRE; CONRADO, 2014). O mesmo ocorreu em 2014, quando também repetiu o feito de 2010, e foi bicampeão mundial no Japão, conquistando, novamente, o título de melhor jogador da competição (BAIBICH, 2014).

Paralelamente a sua trajetória na seleção brasileira, Ricardinho continuou vinculado a ACERGS. Em 2010, no entanto, grande parte da equipe se desmembrou da associação e fundou uma nova entidade destinada, exclusivamente, ao esporte: a Associação Gaúcha de Futsal para Cegos (AGAFUC). No primeiro ano de fundação da nova equipe, Ricardinho atuou pela Associação Paraibana de Cegos (APACE), em razão da equipe da AGAFUC ter que disputar, inicialmente, a segunda divisão do campeonato nacional de futebol 5 para, após, ter acesso à elite do campeonato. Após este período, Ricardinho retornou ao estado do Rio Grande do Sul e passou a atuar pela AGAFUC.

Nos Jogos Paralímpicos do Rio 2016, Ricardinho foi o único atleta sul-rio-grandense a conquistar medalha de ouro (MILMAN, 2016). Sua atuação, aos 27 anos de idade foi decisiva na partida final do futebol de 5, pois marcou o gol que garantiu a vitória sobre o time do Irã, por 1x0 (FUTEBOL DE CINCO..., 2016). Além do título, o atleta teve o privilégio de carregar a bandeira do Brasil no encerramento dos Jogos Paralímpicos. No dia seguinte a cerimônia de encerramento, Ricardinho deu entrevistas e participou de programas de TV, como o Encontro com Fátima Bernardes (GASPARETTO, 2016d). Atualmente Ricardinho representa a AGAFUC, situada em Canoas/RS e se sustenta por meio do recurso advindo do programa Bolsa-Atleta, concedido pelo governo federal. Ademais, pode contar com um patrocínio da Caixa Econômica Federal, que é repassado aos atletas que atuam pela seleção brasileira (GASPARETTO, 2016b).

Roberto Alcalde Rodriguez

Roberto Rodriguez nasceu no ano de 1992, na cidade de Bagé/RS. A natação entrou em sua rotina aos oito meses de idade, tendo como finalidade a fisioterapia para tratamento da mielomeningocele (ROBERTO ALCALDE..., 2016). Até os oito anos de idade Roberto conseguia caminhar; após, em razão da pouca mobilidade da perna direita, precisou do auxílio da cadeira de rodas (GASPARETTO, 2016b).

O esporte sempre esteve presente na vida do atleta e, em entrevista ao Jornal Zero Hora, Roberto recorda-se que foi após assistir aos Jogos Paralímpicos de Atenas, ocorridos em 2004, que descobriu que poderia envolver-se com o esporte de forma competitiva (NATAÇÃO PARALÍMPICA..., 2016). Diante disso e em busca de oportunidades, o atleta mudou-se com a família para Florianópolis/SC. Na capital catarinense, passou a frequentar uma academia e ser orientado por outro sul-rio-grandense chamado Fladimir.

A primeira competição foi disputada aos 15 anos de idade, vencendo a travessia de uma lagoa, na categoria destinada aos atletas paralímpicos. Já no ano seguinte, veio a convocação para integrar a seleção brasileira de jovens, na disputa de um torneio nos Estados Unidos (GASPARETTO, 2016b). A primeira convocação para a seleção adulta, por sua vez, aconteceu em 2010. A estreia de Roberto em um campeonato mundial foi promissora e o atleta conquistou o quarto lugar (ROBERTO ALCALDE..., 2016).

No ano seguinte, 2011, Roberto participou dos Jogos Parapan-Americanos, realizados em Guadalajara, no México. Não obteve nenhuma medalha, mas, sem perder o foco, o atleta continuou os treinamentos e em 2013, conquistou o campeonato mundial, nos 100 metros peito, na cidade de Montreal, no Canadá (LIMA, 2015; ROBERTO ALCALDE..., 2016). Os resultados positivos obtidos até então, motivaram o atleta a buscar outras conquistas e no ano seguinte, conquistou o ouro em competições disputadas na Dinamarca, na Holanda e nos Estados Unidos (LIMA, 2015).

Para além das conquistas dentro das piscinas, os bons resultados de Roberto Alcalde lhe renderam no ano de 2014, um contrato com o Clube Vasco da Gama, do Rio de Janeiro, além de patrocínios e uma bolsa do governo federal. Desde então, passou a treinar no Centro de Referência do Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB), em São Caetano/SP e também a frequentar, em alguns finais de semana, a sede do Vasco e, a representar o clube em competições nacionais (NOGUEIRA, 2014). O foco do atleta ao fechar a parceria com o clube, no entanto, eram os treinamentos para poder obter os índices e disputar os Jogos Paralímpicos do Rio de Janeiro, em 2016.

Neste caminho, disputou os Jogos Parapan-Americanos de Toronto, no Canadá, em 2015. Na ocasião, Roberto foi ouro nos 100 metros peito e bronze nos 200 metros Medley – disputa que envolve os quatro estilos: borboleta, costas, peito e livre (ROBERTO ALCALDE..., 2016). Em razão disso, o atleta foi cotato como promessa para conquista da medalha de ouro na sua categoria, nos Jogos Paralímpicos Rio 2016 (NATAÇÃO PARALÍMPICA..., 2016).

Em sua estreia em Jogos Paralímpicos, aos 24 anos de idade, Roberto participou da prova de natação, disputando os 100 metros da classe SB5. Ao final da competição, obteve a quinta colocação (GAÚCHO EM QUINTO..., 2016). Em entrevista ao Jornal Zero Hora, o atleta não escondeu sua frustração: "O tempo foi longe do planejado, me atrapalhei na parte técnica. Tinha tempo para pegar medalha" (GAÚCHO EM QUINTO..., 2016, s/p).

Atualmente, Roberto vive só do esporte e mora em São Paulo, para ficar mais próximo do centro paralímpico, onde treina a seleção brasileira de natação. Também representa o Clube Vasco da Gama.

Vanderson Luis da Silva Chaves

Vanderson Chaves nasceu no ano de 1984, na cidade de Porto Alegre/RS. Aos doze anos de idade, perdeu o movimento das pernas ao ser atingido por um disparo acidental de uma arma feito por um tio. A bala acertou o pescoço e atingiu a medula de Vanderson, fazendo com que o atleta ficasse mais de 40 dias internado na Unidade de Terapia Intensiva (UTI), do Hospital de Pronto Socorro (HPS), de Porto Alegre/RS (GASPARETTO, 2016b). Naquele dia, preparava-se para contar aos familiares que havia conseguido a oportunidade de fazer um teste para ingresso nas categorias de base do Sport Club Internacional (RORATTO, 2011).

Mesmo tendo o sonho de ser jogador de futebol, Vanderson jogava tênis e integrava um projeto social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). No entanto, após o ocorrido, tentou retornar às quadras, mas percebeu que era preciso buscar outra alternativa. Diante disso, após um período de adaptação a cadeira de rodas e a sua nova realidade de vida, aos dezessete anos, conheceu a esgrima em cadeira de rodas (RORATTO, 2011).

Foi em sua primeira entrevista de emprego, na Prefeitura Municipal de Porto Alegre, que Mauricio Stempniak, um veterano na modalidade e também cadeirante, incentivou Vanderson a conhecer o esporte. Em entrevista ao Jornal Zero Hora, o atleta conta que, inicialmente, ignorou o convite, pois estava mesmo interessado no emprego, já que sua família enfrentava dificuldades financeiras. No entanto, semanas depois, após insistência de sua mãe Helena, foi convencido a conhecer a esgrima em cadeira de rodas (GASPARETTO, 2016b).

No ano de 2010, começou a praticar a modalidade na Academia de Polícia Militar, em Porto Alegre. Como não possuía condições financeiras para comprar os equipamentos necessários à prática do esporte, contou com a ajuda dos atletas Jovane Guissone e Maurício Stempniak, que emprestaram o material para que Vanderson iniciasse seus treinamentos (RORATTO, 2011). Sua estreia em competições ocorreu no ano de 2012. No ano seguinte, já fora convocado para integrar a seleção brasileira de esgrima em cadeira de rodas.

Em competições nacionais, no ano de 2013, Vanderson foi campeão da 1ª e da 2ª Copa do Brasil, bem como, do Campeonato Brasileiro, ambos na categoria por equipes (BAVARESCO, 2015). No ano de 2014, por sua vez, iniciou sua trajetória em competições internacionais e conquistou a medalha de bronze no Campeonato Mundial Sub 23, na Polônia. No mesmo ano, sagrou-se vice-campeão no florete e obteve o terceiro lugar na Espada e Florete B, no Regional das Américas (GASPARETTO, 2016).

Tais resultados impulsionaram o atleta a ser convocado para compor a equipe brasileira, nos Jogos Paralímpicos do Rio de Janeiro (GASPARETTO, 2016b). Vanderson, aos 22 anos de idade, foi convocado pelo Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB) para participar dos Jogos Paralímpicos de 2016 de última hora, após o remanejo das vagas anteriormente direcionadas para a equipe russa, banida devido a questões de doping (ESGRIMISTA VANDERSON..., 2016). O atleta competiu no Florete B, mesma categoria do atleta Jovane Guissone, e não se classificou para a disputa final.

Atualmente, Vanderson representa ASASEPODE e o Grêmio Náutico União (GNU), ambas as instituições situadas em Porto Alegre/RS. O atleta desloca-se de ônibus até seus treinos que são realizados no GNU. Para tanto, precisa pegar duas conduções e leva cerca de uma hora no transporte coletivo. Seu sustento advém do programa Bolsa-Atleta, do governo federal, que repassa um salário mínimo ao atleta (GASPARETTO, 2016).

Discussão: juntando as peças do quebra-cabeça

As evidências encontradas neste estudo quanto às trajetórias dos atletas do Rio Grande do Sul que participaram dos Jogos Paralímpicos Rio 2016, revelam aspectos relevantes para o debate acerca do tema e para uma reflexão sobre caminhos futuros para o esporte no estado e no país. Para além de apontar as adversidades, pretende-se discutir os ganhos e oferecer alguns subsídios para a continuidade e o aperfeiçoamento das investidas ao esporte adaptado e paralímpico.

Quanto às dificuldades encontradas, os relatos destacam o deslocamento de casa até os locais de treino, enfatizando o problema da acessibilidade quanto ao transporte público. A despeito da Constituição da República de 1988, dispor no art. 227, § 2º, uma determinação "a fim de garantir o acesso adequado às pessoas portadoras de deficiência" (BRASIL, 1988), este, ainda hoje, parece ser um problema enfrentado no cotidiano daqueles que dependem deste meio para se deslocar.

A falta de recursos ao esporte paralímpico também foi ressaltada. Atletas evidenciam dificuldades para manter a carreira esportiva, mesmo com o recebimento de auxílios através do Programa Bolsa Atleta pelo Ministério do Esporte. Ademais, alguns relataram que, por vezes, abdicaram de competições em razão de uma profissão que assegurava o sustento financeiro. Aliado a isso, um dos atletas, salientou a falta de esclarecimentos quanto aos direitos da pessoa com deficiência.

Notou-se, também, a importância de instituições específicas e seus profissionais na história de vida e esportiva destes atletas. Ricardinho e Celente conheceram o esporte através de uma instituição específica para o atendimento de pessoas com deficiência visual, o Instituto Santa Luzia, de Porto Alegre. O Santa Luzia é uma instituição educacional de cunho privado, fundada em 1941, que atende crianças e jovens com deficiência visual, bem como, pessoas com visão normal (BRUMER; PAVEL, MOCELIN, 2004). Celente ainda comenta que após frequentar o Santa Luzia, passou por outras duas instituições até completar sua escolaridade. Chama a atenção que no Colégio Estadual Protásio Alves, na capital do Rio Grande do Sul, os alunos com deficiência eram separados do grande grupo nas aulas de educação física, ocorrendo em outro turno e local, devido à falta de estrutura para atendê-los. Pode-se questionar, também, se o professor estaria capacitado para atuar de outra forma, incluindo nas aulas alunos com e sem deficiência.

Estas questões ainda hoje poderiam ser levantadas. Segundo dados do Censo Escolar, em 2016, "57,8% das escolas brasileiras têm alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento ou altas habilidades incluídos em classes comuns. Em 2008[16], esse percentual era apenas de 31%" (BRASIL, 2017). Dentre as regiões brasileiras, os maiores percentuais estão no norte e nordeste do país. O Censo, no entanto, não especifica as deficiências e dentre as adaptações realizadas nas escolas a fim de atender a estes alunos, as adaptações nos banheiros são destacadas. No entanto, assim como afirma Brumer, Pavel e Mocelin (2004, p. 301), "de acordo com as especificidades físicas, tratamentos e adaptações diferentes às barreiras físico-sociais impostas" são necessárias. A educação física na escola, a inclusão efetiva de pessoas com deficiência é um caminho a seguir frente a um quadro social que ainda deve avançar no sentido de oportunizar essas experiências em ensinos públicos ou privados.

Afora o Instituto Santa Luzia, outras entidades citadas foram a Associação do Centro Esportivo Louis Braille, a Associação de Amigos do CETE (ACETE); a Associação de Cegos do estado do Rio Grande do Sul (ACERGS). Pode-se sugerir, portanto, que o cenário do esporte adaptado e paralímpico no estado deve-se, sobretudo, a fundação de entidades próprias das pessoas com deficiência, bem como, a

[16] Ressalta-se que a Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência foi adotada 2006, mas colocada em prática em 2008 por muitos países membros da ONU (HAIACHI et al., 2016).

pessoas relacionadas ao meio. Enquanto Vanderson e Jovane contaram com o incentivo de conhecidos que também tinham uma deficiência, Fábio salientou que foi apresentado ao esporte por uma professora que atuava com atividades adaptadas. Ricardinho e Celente ressaltaram em suas entrevistas, também, a atuação dos professores de Educação Física na introdução e motivação inicial ao universo esportivo.

A criação de uma entidade nacional específica destinada ao esporte para pessoas com deficiência foi efetivada somente em 1995, o Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB). Iniciativas quanto ao "processo de institucionalização de uma estrutura organizacional de orientação do esporte para pessoas com deficiência o Brasil" foram "gradualmente desencadeadas a partir dos anos de 1970", sendo que em 1989 foi criado o "Departamento de Desportos para Pessoas Portadoras de Deficiência" junto a Secretaria de Desportos da Presidência da República (SEDES/PR), visando o apoio às entidades dedicadas à prática do esporte para pessoas com deficiência (BEGOSSI; MAZO, 2016b, p. 2995). No entanto, Araújo (1997) evidenciou que, antes da criação da CPB, o desenvolvimento do esporte entre pessoas com deficiência estruturou-se, especialmente, por iniciativas particulares e independentes organizadas pelas próprias pessoas com deficiência. Parece que mesmo após a criação do Comitê Paralímpico, as instituições específicas tem papel preponderante na iniciação esportiva de atletas.

Dentre os oito atletas, cinco representam, ou representavam no período específico das matérias e entrevistas, a Associação de Servidores da Área de Segurança Portadores de Deficiência (ASASEPODE) e o Grêmio Náutico União (GNU). Segundo descrição no site da ASASEPODE, esta entidade foi fundada em 2000 e caracteriza-se como organização não governamental, sem fins lucrativos. Tem como objetivo "desenvolver e executar ações de inclusão social na defesa dos direitos de Pessoas com Deficiência" (HISTÓRICO..., 2016). As atividades esportivas contempladas pela Associação são bocha, esgrima, tênis de mesa e tiro esportivo.

O Grêmio Náutico União destaca-se no Rio Grande do Sul como clube historicamente reconhecido pela promoção dos esportes olímpicos. Nesse clube, o esporte paralímpico desenvolvido é a esgrima em cadeira de rodas, a qual agrupa atletas da capital e de cidades do interior do estado. Nos últimos anos, o clube estabeleceu convênios com o Ministério do Esporte a fim de adquirir equipamentos e melhorar o treinamento de seus atletas, dentre eles, os da esgrima em cadeira de rodas (MINISTRO..., 2015). Além destes, o clube conta com recursos das loterias federais, a partir da inclusão da Confederação Brasileira de Clubes (CBC), desde 2011, nos repasses da Lei Agnelo/ Piva (Lei 12.395/11), como beneficiária de 0,5% do total da arrecadação das loterias da Caixa Econômica Federal ao lado do Comitê Olímpico do Brasil (62, 96%) e Comitê Paralímpico Brasileiro (37,04%) (MINISTRO..., 2015; BRASIL, 2015). Os atletas da ASASEPODE começaram a treinar no espaço do GNU a partir de 2015. Antes, os treinamentos aconteciam na sede da entidade e, entre 2013 e 2014, na Academia da Brigada Militar (ESGRIMA..., 2017).

Observa-se assim, que o advento dos Jogos Paralímpicos no Brasil fomentou incentivos por parte do Estado aos atletas e instituições de formação e preparação desses sujeitos. Haiachi et al. (2016, p. 3000), corrobora tal assertiva atribuindo aos Jogos a "ampliação dos incentivos financeiros (públicos e privados), do desenvolvimento das estruturas de treinamento no país". Para os autores (2016), o profissionalismo começa a fazer parte do esporte paralímpico e a condição de atleta vira uma realidade (HAIACHI et al., 2016). No entanto, conforme as informações coletadas, os recursos ainda são limitados, destinados a poucos e insuficientes para assegurar a carreira esportiva como profissão primordial de muitos atletas. Espera-se que estes incentivos prosperem e que as lacunas e dificuldades que ainda hoje enfrentam as pessoas com deficiência sejam superadas e sanadas.

Para além das barreiras "associadas às condições ambientais (acessibilidade e mobilidade urbana)" e "estruturais (local de treinamento, incentivo financeiro, equipe multidisciplinar)", encontram-se, também as barreiras "emocionais (motivação, autoestima, relação com treinador, apoio familiar)" (HAIACHI et al., 2016, p. 3002). As narrativas evidenciam que, para pelo menos três desses atletas, o apoio familiar foi fundamental, especialmente, no início da trajetória esportiva.

Ainda, os depoimentos revelaram que um indivíduo que está intrinsecamente motivado se engaja em uma atividade simplesmente para sentir-se eficiente e competente, ou seja, pelo prazer e pela satisfação do processo de conhecimento de uma nova atividade (RYAN; DECI, 2000). Comportamentos intrinsecamente motivados estão relacionados com o bem estar psicológico, com o interesse, com a alegria e/ou a disposições à tarefa. As conquistas, seja de uma medalha ou de uma convocação para competição, são referidas por diferentes atletas como estímulos para seguir em frente e aperfeiçoar seu desempenho. A participação dos atletas nos Jogos Paralímpicos do Rio 2016 revelou que eles vivenciaram no evento um misto de sentimentos. De um lado frustração, tristeza em relação ao desempenho

esportivo, bem como dúvidas em relação ao futuro do esporte paralímpico no Brasil. Mas, por outro lado destacaram sentimentos positivos de alegria e satisfação, em razão da presença em um evento apontado como sendo grandioso.

O processo de adaptação através da prática esportiva tende a promover uma melhor qualidade de vida para as pessoas com deficiência. Por um lado, auxilia na inclusão social, por outro, permite uma nova oportunidade para a construção da percepção da identidade de atleta ao invés da identidade de "pessoa deficiente" (MARQUES et al., 2009). Para Brazuna e Mauerberg-DeCastro (2001), os benefícios do esporte, constituem-se como uma importante ferramenta para melhorar a qualidade de vida dos atletas, tanto do ponto de vista dos aspectos físicos, relacionados à saúde, quanto a aspectos pessoais e relacionais.

Para além, os Jogos Paralímpicos também concederam certa legitimidade ao esporte para pessoas com deficiência, ressaltando-se a "crescente visibilidade que a mídia tem dado ao esporte paraolímpico" (HAIACHI et al., 2016, p. 3000). Entretanto, muitas vezes, tal visibilidade é conferida apenas quando os atletas conquistam medalhas. Além disso, parece haver uma preocupação em algumas publicações com uma narrativa heroica acerca do percurso desses atletas, além de enfocar muito mais a forma como os atletas adquiriram a deficiência e os percalços de suas vidas, do que a própria trajetória esportiva de sucesso conquistada por eles. Pouco é lembrado quando os atletas não sobem ao pódio, dos períodos de treinamento, de momentos de recuperação de lesões, ou mesmo no pós-carreira. Após encerrar a vida esportiva, a maioria dos atletas cai no esquecimento. Daí a importância da construção e divulgação de narrativas dos atletas. Preservar a memória destes personagens é, também, preservar a memória do esporte paralímpico sul-rio-grandense e nacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A interpretação dos dados coletados sobre os atletas sul rio-grandenses que disputaram competições nos Jogos Paralímpicos Rio 2016 sugere, observando-se a quantidade numérica de atletas, que o esporte paralímpico de alto rendimento no estado precisa ser incrementado. Igualmente percebeu-se que as atletas mulheres estiveram em número mínimo na delegação sul rio-grandense, evidenciando um equívoco histórico na participação delas em práticas esportivas.

O Rio Grande do Sul apresenta políticas de incentivo limitadas para o desenvolvimento de modalidades paralímpicas e, talvez por isso, são poucos os programas esportivos que buscam incentivar a prática esportiva de alto rendimento no estado. Compreender a relação entre o esporte de alto rendimento e as políticas públicas para o esporte paralímpico é de extrema importância, pois tal entendimento poderá facilitar o delineamento de programas esportivos específicos para o esporte de alto rendimento.

A modalidade esportiva, em muitos casos, foi apresentada aos atletas pelos seus pares, havendo pouco suporte por parte dos gestores públicos para a promoção de programas esportivos diversificados. Mesmo que se percebam mais iniciativas de entidades e clubes na promoção da prática do esporte paralímpico de alto rendimento, o programa bolsa-atleta do governo federal e o apoio do CPB, os atletas brasileiros ainda enfrentam dificuldades.

Embora os recursos financeiros para aplicação no esporte paralímpico no Brasil aumentaram nos últimos anos, segundo depoimentos, ainda não são suficientes para dar suporte aos atletas de alto rendimento. Sendo assim, percebeu-se que a consolidação do esporte paralímpico no Brasil, ainda está muito condicionada ao empenho dos atletas e de seus familiares, além da iniciativa de profissionais, especialmente, treinadores que amparam os atletas de distintas formas. De tal modo, se faz necessário para futuros estudos averiguar outros domínios do percurso esportivo dos atletas em busca de mais evidências acerca do campo esportivo paralímpico. Não obstante, vale mencionar a escassez de fontes para pesquisa, mesmo com a realização dos Jogos Paralímpicos Rio 2016.

REFERÊNCIAS

21 ATLETAS paraolímpicos brasileiros que vocês deveria conhecer. **Diário Gaúcho**, Porto Alegre, 06 set. 2016. Disponível em: <http://diariogaucho.clicrbs.com.br/rs/esporte/noticia/2016/09/21-atletas-paraolimpicos-brasileiros-que-voce-deveria-conhecer-7387015.html>. Acesso em: 06 mar. 2017.

A 50 DIAS dos Jogos Paralímpicos, CPB anuncia a maior delegação brasileira da história. **Brasil 2016**, 19 jul. 2016. Disponível em: <http://www.brasil2016.gov.br/pt-br/noticias/a-50-dias-dos-jogos-paralimpicos-cpb-anuncia-a-maior-delegacao-brasileira-da-historia>. Acesso em: 03 mar. 2017.

ABILIO, M. Com filha na arquibancada, Mônica Santos estreia os Jogos Paralímpicos na esgrima. **Brasil 2016**, 14 set. 2016. Disponível em: <http://www.brasil2016.gov.br/pt-br/noticias/com-filha-na-arquibancada-monica-santos-estreia-nos-jogos-paralimpicos-na-esgrima>. Acesso em: 16 mar. 2017.

A GUERREIRA e sua espada. **Jornal Zero Hora**, Porto Alegre, 02 e 03 abr. 2016. Donna ZH, p. 12-13.

ALBERTI, V. **Manual de História Oral**. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

ALEX FESTEJA nova medalha. **Jornal Zero Hora**, Porto Alegre, 21 set. 2016. Esporte, p. 41.

ALVES, Ricardo Steinmetz (2015). **Ricardo Steinmetz Alves**. Porto Alegre/RS. Entrevista concedida ao Projeto Memórias do Esporte Paralímpico no Brasil: um estudo sobre a participação de atletas brasileiros nos Jogos Paralímpicos (1972-2012).

ARAÚJO, P. F. **Desporto Adaptado no Brasil:** origem, institucionalização e atualidades [tese]. Campinas: Universidade Estadual de Campinas; 1997.

BAIBICH, André. Conheça Ricardinho, o melhor jogador do mundo no futebol de cegos. **Jornal Zero Hora**, Porto Alegre, 27 nov. 2014. Disponível em: <http://zh.clicrbs.com.br/rs/esportes/noticia/2014/11/conheca-ricardinho-o-melhor-jogador-do-mundo-no-futebol-de-cegos-4651754.html>. Acesso em: 07 mar. 2017.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 2000.

BAVARESCO, A. Porto Alegre lança programa de apoio a atletas paralímpicos. **Prefeitura de Porto Alegre**, Porto Alegre, 06 fev. 2015. Disponível em: <http://www2.portoalegre.rs.gov.br/portal_pmpa_cidadao/default.php?p_noticia=175629>. Acesso em: 10 mar. 2017.

BEGOSSI, T. D. **As atletas pioneiras no cenário paralímpico sul-rio-grandense:** nuances de uma prática esportiva. 2015 (Trabalho de conclusão de curso) - Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança, UFRGS, Porto Alegre, 2015.

BEGOSSI, T. D.; MAZO, J. Z. O percurso esportivo das mulheres pioneiras no cenário paralímpico sul-rio-grandense. **Revista Brasileira Ciência e Movimento**, v. 24, n. 4, p. 143-155, 2016a.

BEGOSSI, T. D.; MAZO, J. Z. O processo de institucionalização do esporte para pessoas com deficiência no Brasil: uma análise legislativa federal. **Ciência e Saúde Coletiva**, v.21, n.10, p. 2989-2997, 2016b.

BRASIL. **Lei n. 13.146, de julho de 2015.** Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Disposponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm>. Acesso em: 15 maio 2017.

BRASIL. **Ministério da Educação/INEP.** Censo Escolar da Educação Básica 2016. Notas Estatísticas. Fev. 2017. Disponível em: < http://www.inep.gov.br/>. Acesso em: 15 maio 2017.

BRASIL. **Constituição Federal de 1988.** Promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituição.htm>. Acesso em: 15 maio 2017.

BRAZUNA, M. R.; MAUERBERG-DECASTRO, E.. A trajetória do atleta portador de deficiência física no esporte adaptado de rendimento. Uma Revisão da Literatura. **Revista Motriz**, Jul-Dez 2001, Vol. 7, n.2, pp. 115-123.

BRUMER, A.; PAVEI, K.; MOCELIN, D. G. Saindo da "escuridão": perspectivas da inclusão social, econômica, cultural e política dos portadores de deficiência visual em Porto Alegre. **Sociologias**, ano 6, n. 11, p. 300-327, 2004.

CARMONA, E. K.. **Atletas deficientes visuais sul-rio-grandenses nos Jogos Paralímpicos:** cenários e memórias. 2015. 110 f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) – Escola de Educação Física Fisioterapia e Dança, UFRGS, Porto Alegre, 2015.

CARMONA, E. K.; LEDUR; J. A.; MAZO, J. Z.. Memórias de um esgrimista: entrevista com o campeão paralímpico Jovane Guissone. **Conexões**, v. 14, n. 2, p. 165-175, 2016.

CELENTE, Alexsander Almeida Maciel (2015). **Alexsander Almeida Maciel Celente**. Porto Alegre/RS. Entrevista concedida ao Projeto Memórias do Esporte Paralímpico no Brasil: um estudo sobre a participação de atletas brasileiros nos Jogos Paralímpicos (1972-2012).

DACOSTA, L. **Atlas do Esporte no Brasil.** Rio de Janeiro: Shape, 2005.

DACOSTA, L.; CORREA, D.; RIZZUTI, E.; VILANO, B.; MIRAGAYA, A. (editores). **Legados de Megaeventos Esportivos**. Ministério do Esporte: Brasília, 2008.

DE SOUZA, R. P. Regras básicas do futebol de 5: Fundamentos e diretrizes. São Paulo: Editora Atheneu, 2014.

DUAS PERGUNTAS. **Jornal Zero Hora***,* Porto Alegre, 16 set. 2016. Informe Especial, p. 2.

ESGRIMA em Cadeira de Rodas. **Associação de Servidores da Área de Segurança Portadores de Deficiência.** Disponível em: < http://www.asasepode.org.br/exibe.php?id=5&comp=2>. Acesso em: 17 maio 2017.

ESGRIMISTA VANDERSON Chaves é convocado para os Jogos Paralímpicos. **Grêmio Náutico União***,* Porto Alegre, 24 ago. 2016. Disponível em: <http://gnu.com.br/2016/08/vanderson-chaves-e-convocado-para-os-jogos-paralimpicos/>. Acesso em: 10 mar. 2017.

FREIRE, J.; CONRADO, M. História do futebol de 5. In (Orgs) SOUZA, R. P.; CAMPOS, L. P. C.C.; GOELA, J. I. ***Futebol de 5***: Fundamentos e diretrizes. São Paulo: Editora Atheneu, 2014, p. 13-18.

FUTEBOL DE CINCO – Brasil é tetra. **Jornal Zero Hora***,* Porto Alegre, 19 set. 2016. ZH Paraolímpica, p. 12-13.

GASPARETTO, C. Ouvir vale ouro – Silêncio, o *golbol* vai começar. **Zero Hora***,* Porto Alegre, 12 set. 2016a. ZH Paraolímpica, p. 10 e 11.

GASPARETTO, C. Paraolímpicos: eles já são vencedores. **Jornal Zero Hora***,* 03 set. 2016. Disponível em: <http://especiais.zh.clicrbs.com.br/especiais/paraolimpicos/>. Acesso em: 03 mar. 2016b.

GASPARETTO, C. A luta continua – não te mixa, Jovane. **Jornal Zero Hora***,* Porto Alegre, 14 set. 2016c. ZH Paraolímpica, p. 41.

GASPARETTO, C. Louco por ouros e pastéis. **Jornal Zero Hora***,* Porto Alegre, 21 set. 2016d. Esporte, p. 41.

GAÚCHO EM QUINTO, Daniel leva a prata. **Jornal Zero Hora***,* Porto Alegre, 12 set. 2016. ZH Paraolímpica, p. 10-11.

GAÚCHO FICA em 15º no tiro. **Jornal Zero Hora***,* Porto Alegre, 10 e 11 set. 2016. ZH Paraolímpica, p. 44.

HAIACHI, M. C.; CARDOSO, V. D.; REPPOLD FILHO, A. R.; GAYA, A. C. A. Reflexões sobre a carreira do atleta paraolímpico brasileiro. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 21, n.10, p. 2999-3006, 2016.

HISTÓRICO da ASASEPODE. **Associação de Servidores da Área de Segurança Portadores de Deficiência.** Disponível em: <http://www.asasepode.org.br/exibe.php?id=1011&comp=1>. Acesso em: 16 maio 2017.

LEHNHARD, G. R.; MANTA, S. W.; PALMA, L. E. A prática de atividade física na história de vida de pessoas com deficiência física. **Rev. Da Educação Física/UEM**, v. 23, n. 1, 2012.

LIMA, D. Roberto Alcalde treina no México. **Jornal Minuano***,* Bagé/RS, 28 jan. 2015. Disponível em: <http://www.jornalminuano.com.br/VisualizarNoticia/15324/roberto-alcalde-treina-no-mexico.aspx>. Acesso em: 09 mar. 2017.

MAIS GAÚCHOS na pista. **Jornal Zero Hora***,* Porto Alegre, 14 set. 2016. ZH Paraolímpica, p. 41.

MARQUES, R. F. R.; DUARTE, E.; GUTIERREZ, G. L.; ALMEIDA, J. D.; MIRANDA, T. J. 2009. Esporte olímpico e paraolímpico: coincidências, divergências e especificidades numa perspectiva contemporânea. **Revista Brasileira Educação Física Esporte**, *4*, p. 365-77, 2009.

MAZO, J.; REPPOLD, A. **Atlas do Esporte no Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: CREF2RS, 2005.

MELLO, M. T. de; OLIVEIRA FILHO, C. W. de. (edis.). **Esporte Paralímpico.** São Paulo: Editora Atheneu, 2012.

MENDES, N. Jovane Guissone é ouro na esgrima em cadeira de rodas. **Empresa Brasil de Comunicação (EBC)***,* 5 set. 2012. Disponível em: <http://www.ebc.com.br/noticias/londres-2012/2012/09/jovane-guissone-e-ouro-na-esgrima-em-cadeira-de-rodas>. Acesso em: 06 mar. 2017.

MILMAN, T. O cara. **Jornal Zero Hora***,* Porto Alegre, 19 set. 2016. Informe Especial, p. 2.

MORATO, M.; DE ALMEIDA, J. J. G. Goalball. In: MELLO, M. T.; WINCKLER, C. (Orgs.). **Esporte paralímpico**. São Paulo: Editora Atheneu, 2012, p. 131-141.

MINISTRO do Esporte entrega 300 tatames e 240 kimonos para o judô. **Grêmio Naútico União**. 12 nov. 2015. Disponível em: <http://gnu.com.br/2015/11/ministro-do-esporte-entrega-300-tatames-e-240-kimonos-para-o-judo/>. Acesso em: 16 maio 2017.

NATAÇÃO PARALÍMPICA: Confira perfil de Roberto Alcalde, que disputará as Paralimpíadas. **Netvasco**, 24 ago. 2016. Disponível em: <http://www.netvasco.com.br/n/182563/natacao-paralimpica-confira-perfil-de-roberto-alcalde-que-disputara-as-paralimpiadas>. Acesso em: 07 mar. 2017.

NOGUEIRA, C. Campeão Mundial, nadador paralímpico Roberto Alcalde acerta com o Vasco. **O Globo**, 28 fev. 2014. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/esportes/campeao-mundial-nadador-paralimpico-roberto-alcalde-acerta-com-vasco-11743109>. Acesso em: 09 mar. 2017.

OBSERVATÓRIO DO ESPORTE PARALÍMPICO. Jovane Silva Guissone. **Documentário**. 13min24seg. Disponível em: < https://www.ufrgs.br/nehmeparalimpico/depoimentos/documentarios/>. Acesso em: 11 mar. 2017.

O TEMPO. O jornal do Esporte. Porto Alegre/RS. Ano I, n. 1, 2015.

RYAN, R. M.; DECI, E. L. Self-determination theory and the facilitation of intrinsic motivation, social development and well-being. **American Psychologist**, v. 55, 2000, p. 68-78.

RIO 2016: Três esgrimistas em cadeira de rodas classificados para os Jogos Paralímpicos. **Grêmio Náutico União**, Porto Alegre, 31 mai. 2016. Disponível em: <http://gnu.com.br/2016/05/monica-e-fabio-classificados-para-os-jogos-paralimpicos/>. Acesso em: 07 mar. 2017.

ROBERTO ALCALDE é convocado para os jogos Paraolímpicos do Rio. **Folha do Sul**, Bagé/RS, 21 jul. 2016. Disponível em: <http://www.jornalfolhadosul.com.br/noticia/2016/07/21/roberto-alcalde-e-convocado-para-os-jogos-paraolimpicos-do-rio>. Acesso em: 07 mar. 2017.

RORATTO, V. Sonho de guri dura até 13 anos. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 29 mar. 2011. Disponível em: <http://www.correiodopovo.com.br/Impresso/?Ano=116&Numero=180&Caderno=0&Noticia=274045>. Acesso em: 10 mar. 2017.

RUBIO, K. **Medalhistas olímpicos brasileiros: memórias, histórias e imaginário.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

SMITH, B.; SPARKES, A. C. Men, sport, spinal cord injury, and narratives of hope. **Social Science & Medicine**, n. 61, p. 1095-1105, 2005.

SOLÁNS, A. P. Historias de vida de deportistas paralímpicas. Trayectorias biográficas. **Apunts. Educación Física y Deportes**, n.º 117, 3º trimestre (julio-septiembre), pp. 84-90, 2014.

SOUZA, D. L.; SILVA, M. M. e; MOREIRA, T. S. O perfil da produção científica *online* em português relacionada às modalidades olímpicas e paralímpicas. **Movimento**, Porto Alegre, v. 22, n. 4, 1105-1120, out./dez. de 2016.

TIME GRU no Rio. **União em revista**, Porto Alegre, Junho/julho 2016. Disponível em: <https://issuu.com/uniao/docs/gnu_revista_2016_06_07_web>. Acesso em: 06 mar. 2017.

MINIBIOGRAFIA



Janice Zarpellon Mazo (janice.mazo@ufrgs.br)
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-8215-0058

Professora associada da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Licenciatura em Educação Física pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Especialização em Técnica Desportiva Voleibol. Especialização em Pesquisa Curricular. Mestrado em Ciência do Movimento Humano pela UFSM. Doutorado em Ciências do Desporto pela Universidade do Porto. Tem experiência na área de Educação Física, atuando principalmente nos seguintes temas: História do Esporte e da Educação Física, Esporte Adaptado e Esporte Paralímpico; Esportes-Surdos. Currículo Lattes: http://lattes.cnpq.br/7818878255873591



Tuany Defaveri Begossi (tuany_begossi@hotmail.com)
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-2596-5963

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano (PPGCMH), na linha de pesquisa Representações Sociais do Movimento Humano, da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança (ESEFID), da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Mestra em Ciências do Movimento Humano pelo PPGCMH/ESEFID/UFRGS (2017). Bacharela em Educação Física pela ESEFID/UFRGS (2015). Licenciada em Educação Física pela ESEFID/UFRGS (2013). Membro do Núcleo de Estudos em História do Esporte e da Educação Física (NEHME/UFRGS). Atua principalmente nos seguintes temas: Estudos históricos e socioculturais do Esporte e da Educação Física, Esporte Paralímpico e Adaptado e Formação de professores. Currículo Lattes: http://lattes.cnpq.br/5037353012593329



Rafaela Bertoldi (rafaelapsicologia@hotmail.com)
ORCID: https://orcid.org/0000-0001-9201-0131

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano (PPGCMH), na linha de pesquisa Representações Sociais do Movimento Humano, da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança (ESEFID), da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Mestra em Ciências do Movimento Humano pela UFRGS (2014). Graduada em Psicologia pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões-Campus Erechim/RS/(URI). Membro do Núcleo de Estudos em História do Esporte e da Educação Física (NEHME/UFRGS). Atua principalmente nos seguintes temas: Aspectos psicossociais do Esporte, Psicologia do Esporte, Representações Sociais do Movimento Humano, Esporte Paralímpico e Adaptado.
Currículo Lattes: http://lattes.cnpq.br/8622397643318541



Alice Beatriz Assmann (alice.assmann@gmail.com)
ORCID: https://orcid.org/0000-0003-3118-9179

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano ESEFID/UFRGS, na linha de pesquisa Representações Sociais do Movimento Humano. Mestre em Ciências do Movimento Humano pela ESEFID/UFRGS. Especialista em Jornalismo Esportivo pela UFRGS. Diplomada em Bacharelado em Educação Física pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Integrante do Núcleo de Estudos em História do Esporte e da Educação Física (NEHME/ UFRGS). Atuando principalmente nos seguintes temas: Estudos históricos e socioculturais do Esporte e da Educação Física; Estudos Olímpicos e Paralímpicos; Esportes Adaptados.
Currículo Lattes: http://lattes.cnpq.br/2295914843114629